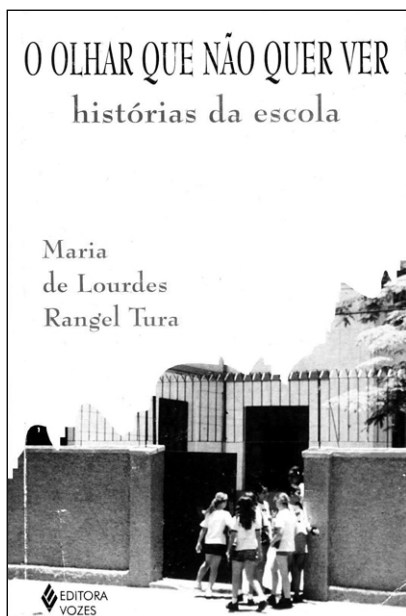


A CIRCULARIDADE ENTRE AS CULTURAS DOCENTE E DISCENTE: A RIQUEZA INVISÍVEL

Andrea Caruso*



TURA, Maria de Lourdes Rangel. *O olhar que não quer ver: histórias da escola*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. 210p.

No livro em tela, Maria de Lourdes reivindica uma maior atenção e análise à comunicação entre as culturas docente e discente. Trata-se de uma pesquisa cujo objeto é a escola pública brasileira, seus entraves ao desenvolvimento como processo de escolarização de massas, e, ainda, a investigação dos problemas que envolvem o fracasso escolar. A autora convida a mergulhar no cotidiano escolar a fim de mostrar o quanto o olhar docente, muitas vezes, não enxerga as riquezas existentes na cultura discente.

Entre as questões de fundo que compõem a obra em questão, destacam-se: Como se comunicam as culturas docente e discente no interior do ambiente escolar? Que sentidos são mobilizadores dessa interação? Nesse conjunto de significados,

qual o papel dos ritos, costumes e conteúdos disciplinares inseridos na prática pedagógica? Como interlocutores do desvendamento de tais questões, a autora conta com as contribuições dos estudos de Bourdieu, Garcia Canclini, Carspecken e Apple, entre outros.

O livro, originado a partir da tese de doutorado *Construindo o mito do fracasso escolar: a circularidade entre as culturas docente e discente*, tem como universo pesquisado uma escola pública da Zona Sul do Rio de Janeiro, referida pela autora como “Escola Sempre Viva (ESV)”. Tal *locus* fora escolhido com base em três critérios: localização, natureza da instituição e condições de funcionamento. A pesquisa de campo foi realizada com todo corpo docente e discente, dos grupos da 5^a à 8^a série do ensino fundamental, sendo os alunos representantes da juventude urbana, num contexto de periferia.

Dividido em três capítulos, o livro segue uma organização de estudo que trabalha sequencialmente com a apresentação dos dados empíricos, o processo de análise, a reconstrução analítica e as diferentes atividades do processo da pesquisa (observação sistemática, questionário respondido pelos alunos, entrevistas informais, entrevistas semi estruturadas, considerações sobre o trabalho pedagógico etc.).

Tura nos fala da dinâmica da circularidade entre as culturas docente e discente, mostrando que esta condensa elementos conflitantes e contraditórios, no interior da escola, onde, em linhas gerais, destacam-se os ideais iluministas, as utopias republicanas, os sonhos democráticos nos princípios magisteriais, nos confrontos de posições, nos desejos das famílias, na compreensão e idealiza-

*Pedagoga pela Uerj. Bolsista Proatec/Faperj da Faculdade de Educação da Uerj.

ção juvenil desse espaço. Soma-se a isto, a manutenção da escola como um símbolo mítico e sagrado, que transcende o conjuntural e o empírico.

Assim, partindo dessa abordagem, em particular, o livro vai nos apresentando a ideologia de uma escola, onde o professor aparece como sinônimo de experiência, saber “socialmente construído”, detentor do conhecimento necessário e imprescindível, dono de uma autoridade legitimada pela superioridade, que justificava a *dominação e invasão cultural*. No entanto, a autora mostra que essa imagem do professor é, também, contraditória: enquanto na cultura escolar ele tem o domínio, na estrutura social mais ampla ele é desvalorizado. Diz a autora: “A cultura docente, contudo, comporta mais do que o escolar, assim como a discente mais do que o juvenil. Estão em confronto dois pontos de vista construídos historicamente, mediados por diferentes segmentações, relações sociais, tradições, conjunturas e contingências” (p. 183).

A cultura dos professores da escola observada, segundo a autora, tendia a estabelecer-se como dominante, natural e universal, distanciando-se, muitas vezes, da cultura discente. Por seu turno, a cultura discente valorizava a cultura docente, conformando-se com as propostas escolares, absorvendo seus padrões, normas e estilo. Os professores não percebiam o quanto seus alunos eram diferentes, que tinham culturas diferentes. Por isso mesmo, *o olhar que não queria ver* perdia muitas possibilidades de admirar-se com os valores da cultura discente. Por outro lado, o olhar sem ver “(...) era, também, uma estratégia de sobrevivência de um modelo de escola que professores, funcionários, pais e alunos não queriam abandonar. Era, de certa forma, o olhar que não quer ver ou o olhar que não quer se ver” (p. 185-186).

Nesse aspecto, a escola observada aproxima-se de muitas escolas públicas, espalhadas por diferentes lugares, onde “(...) as visões de mundo próprias do ambiente escolar estão em conflito com as transformações do mundo do trabalho e dos meios de comunicação que penetram na escola e exigem tomada de posição”. Além disso, “O Estado, provedor da escola pública, quer rever suas funções tradicionais e está distanciando dos centros estratégicos da organização da sociedade. Assim, o docente tem que se colocar na defensiva. É necessário tornar-se mais inflexível para ‘reforçar o rigor da lei das fronteiras de um império do qual não está mais seguro’” (CERTEAU, ap. TURA, 2000, p. 191).

Sobre a cultura discente, Tura nos mostra que essa corresponde a um conjunto de representações simbólicas, construídas por adolescentes em situação escolar, mas não exclusivamente dentro da escola, onde são submetidos a um processo de subordinação à cultura docente. Porém, ainda que subordinada, a cultura em questão cria mecanismos de resistência, principalmente no aspecto estético e vocabular. Sobre essas diversas formas de resistência, a autora cita, a título de exemplo, as estratégias sutis desenvolvidas pelos alunos, a fim de escapar à imposição homogeneizadora dos uniformes, como o corte das mangas ou a coloração do emblema da camisa escolar com caneta pilot que, entre as mais diversas variações resgatava, assim, sua individualidade e fomentando, com isso, a construção coletiva de uma rede de significados: “O vestuário comunicava, então uma imagem, uma forma de ser, era um signo” (p. 93), mas a invisibilidade dessa riqueza cultural, aos olhos do corpo docente, era o que de fato incomodava a autora:

Eu ficava sempre com a sensação de que eles perdiam boas oportunidades ou nem chegavam a reparar que existia essa riqueza de acontecimentos nas poucas possibilidades que os jovens tinham de estar juntos sem uma obrigação a cumprir (...). Os professores estavam por demais ocupados com o formal ou as formalidades decorrentes da excessiva valorização de cada parte, cada dado, cada aspecto do conteúdo de sua disciplina ou ritos escolares (p. 92).

A cultura discente, nessa escola, apresentava algumas resistências à ação homogeneizadora da cultura docente, não só por apontar para a necessidade de respeito à diversidade, mas por ser ela mesma uma representação dessa diversidade. Apesar do livro falar de uma certa “cooperação dos alunos” com a dominação dos professores e diretores sobre os colegas, é deixado claro que essa não deve ser vista apenas como uma assimilação cultural pois, segundo Foucault,

Não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras; mas ter bem presente que o poder não é algo que possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem e lhe são submetidos. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer poder e de sofrer sua ação (FOUCAULT, ap. TURA, 2000, p. 105).

Assim, a partir desse contexto, Tura vai comprovando que mesmo sendo nítida hibridação cultural na narração de professores e alunos, a circularidade entre as culturas docente e discente perdia a visibilidade, não parecendo ter sentido o esforço pessoal em entendê-la. “O mundo do cotidiano do aluno e o mundo da escola eram universos separados, culturas estanques” (p. 191). *Olhar que não quer ver*, sobretudo, afirma a importância desse tipo de estudo para a educação, uma vez que nos possibilita não deixar perder o que se constrói nesse local (a escola) onde circula uma cultura híbrida. “(...) há um outro círculo em ação no interior dos colégios, fortemente impregnado de sentimentos, sonhos, sofrimentos e relações interpessoais. Esse círculo precisa ser conhecido pela força de sua influência na criação de novas subjetividades” (p. 201).